

**UMA ETNOGRAFIA DOS CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS NA  
COMUNIDADE CIGANA CALON DE SOUSA/PB: notas de pesquisa de um  
antropólogo<sup>1</sup>**

Luan Gomes dos Santos de Oliveira, Antropólogo

Unidade Acadêmica de Ciências Sociais-UACIS

Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – CDSA/UFCG

Coordenador do Grupo de Estudos em Etnografias, Ecologia Política, Educação e  
Semiárido – Ecos-CNPq

Integrante do Grupo de Trabalho Metabolismo Social/Justicia Ambiental/CLACSO

**RESUMO:**

Este texto etnográfico objetivo apresentar um estudo antropológico das reivindicações por reconhecimento e redistribuição na Comunidade Cigana de etnia Calon no município de Sousa, localizada no Alto Sertão Paraibano desde os anos de 2019 a 2023. A chave de leitura antropológica e sociológica que este projeto assume parte da relação entre justiça ambiental, saúde e ecologia política (ACSERALD, PORTO, 2013). Parte-se da matriz epistemológica e política de estudos antropológicos com ciganos e ciganas (BATISTA, 2017, 2018; GOLDFARB, 2004, 2010, 2018; CUNHA, 2018; SIQUEIRA, 2012) e numa perspectiva sociológica de reivindicações por reconhecimento e redistribuição (FRASER, 2007). A pesquisa possui o método de abordagem qualitativo, documental, fundamentada em roteiros de entrevista e na Antropologia do Arquivo, bem como mediada pela etnografia enquanto um diálogo que tem por intuito dar visibilidade às vozes subalternas e silenciadas deste povo que, infelizmente, ainda sofrem com as mazelas presentes na sociedade capitalista, sofrem com a ausência de políticas públicas; convivem com a escassez de recursos, do acesso à segurança, saúde, saneamento básico, etc.

**Palavras-chave:** Comunidade Cigana. Direitos. Políticas públicas.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024);

## INTRODUÇÃO

Eventualmente, ao ouvir falar sobre a Comunidade Cigana Calon no município de Sousa/PB, de imediato surgiu a curiosidade e o interesse incessante de conhecer as histórias, as crenças e a cultura desse povo. No entanto, com a aproximação de leituras no campo da Antropologia de base política e cultural que pesquisa os/as ciganos/as, tendo como matriz política e epistemológica tais autoras latinoamericanas: Cunha (2018), Batista (2018), Goldfarb (2013, 2017, 2018). Elas inauguraram em certa medida no Brasil e no Nordeste do Brasil um campo de pesquisa em torno do modo de existir e de atuar das etnias ciganas. Viu-se que entre as minorias étnicas e os povos chamados tradicionais, o povo cigano ainda é uma das etnias que sofre invisibilidade decorrente do intenso preconceito presente na sociedade, que desvaloriza e prejudica as condições materiais e as representações simbólicas de sua existência. Ao escutar uma expressão de indignação de uma cigana do povo Calon: “Meu povo quer o direito de ir e vir, passar e ficar se desejar”, deparamos com a possibilidade de sugerir este projeto de pesquisa na esteira da matriz epistemológica e política das antropólogas citadas anteriormente.

O objetivo primordial desta pesquisa é mapear, cartografar social e simbolicamente os conflitos socioambientais que estruturam o território da comunidade, as lutas por garantia de reconhecimento da identidade e dos direitos dos ciganos calons de Sousa/PB. Essa objetivação está enraizada em uma pergunta problema, nas pesquisas das autoras mencionadas, os ciganos calons em Sousa/PB enfrentam um processo de invisibilidade histórica, situando-se a margem da vida da cidade, acometidos pelo preconceito e pela estigmatização, o que implica diretamente na fragilidade de promoção de políticas públicas e sociais. Isto é embasado no fato da população cigana ainda ser estigmatizada como um povo “sujo”, ardiloso, ladrão, mal-educado, essas representações estão nos hábitos culturais do município de Sousa/PB. Desse modo, como pautar, como identificar os conflitos socioambientais, às lutas por reconhecimento étnico, valorização da cultura e por direitos básicos de vida, como saúde, assistência, educação, saneamento básico, moradia, água potável e justiça da Comunidade Cigana Calon de Sousa/PB?

Assim, essa pergunta, base dessa introdução, parte de categorias analíticas do pensamento antropológico: reivindicações por reconhecimento e redistribuição, identidade/etnicidade e direitos sociais e políticas públicas, conflitos socioambientais,

saúde e meio ambiente, incluindo o argumento de que as diferenças são importantes marcadores, não só culturais, mas que instituem desigualdades no campo dos direitos (FRASER, 2007). Essas categorias sociohistóricas estão ancoradas em experiências e vivências afetivas e políticas da Comunidade Cigana Calon. Um dos obstáculos principais que perpassa as lutas por reconhecimento do povo cigano Calon é o preconceito de caráter étnico. Esse povo vive a criar histórias e essas histórias são a sua vida cotidiana, sua memória coletiva ancestral, que não se reduz a um saudosismo, mas memórias políticas, de resistência, de reinvenção e de atuação na busca por reconhecimento por parte do Estado.

A Comunidade Cigana Calon, tema desta pesquisa, está situada por todo o Nordeste do Brasil. Entretanto, o lócus desta pesquisa, se volta para o povo cigano em Sousa/PB, região do Sertão Paraibano. É nessa cidade, que se encontra uma das maiores partes da população cigana no Brasil. A comunidade é constituída por três grupos que estão situados territorialmente próximos à BR 230, a 3 km do centro do município, na periferia da cidade, próximos ao Instituto Federal de Educação e Tecnologia da Paraíba/IFPB. Há mais de 30 anos aproximadamente, desde a década de 1980, esses grupos passaram a se sedentarizar no território da cidade e paralelo a isso, nesse território eles têm atuado na construção política e identitária de seu território. O que demanda por parte do poder local e do Estado e da esfera federal, uma responsabilidade de estar em coletivo produzindo políticas públicas com e para os ciganos no âmbito da saúde.

### **Percurso metodológico: breves notas**

Esta pesquisa teve como lócus a Comunidade Calon, pertencente ao Município de Sousa/PB, região do Alto Sertão Paraibano, construída pelas histórias, memórias coletivas e ativismos políticos dos(as) sujeitos(as) ciganos(as). Teve seu início em 2020, quando o pesquisador se coloca numa atitude de curiosidade epistemológica para compreender e refletir sobre os pontos de vistas dos ciganos calons de Sousa em torno da temática conflitos socioambientais. Evidenciou-se que ainda esta categoria seja de âmbito acadêmico, a comunidade em estudo apontou diversos conflitos ambientais enraizados desde a disputa por terra até o racismo ambiental, isto é, o fato de serem ciganos, morarem nas margens da cidade de Sousa/PB, reforçou o preconceito racial, implicando nisso uma contrapartida por parte da comunidade de reivindicar os direitos enquanto Comunidade

Tradicional, ainda que por vezes não reconhecida no contexto do Estado contemporâneo, com traços de cl

Como visualizado, a dinamicidade que a realidade evidencia, não pode ser traduzida em dados estáticos e puramente técnicos. É necessário observar e estar aberto às mudanças e transformações que envolvem a pesquisa de cunho social, entendendo o que se apresenta, mas também, fazendo as ligações teóricas necessárias, para assim compreender a mediação entre os fenômenos.

Como estratégia de pesquisa em termos de método optou-se etnografia enquanto diálogo, o que não significa impor um ponto de vista científico à Comunidade Cigana Calon, mas dar visibilidade aos saberes e práticas diversas, por meio da pesquisa em arquivos especializados da sociologia e antropologia, em documentos de associações de pesquisa sobre os estudos ciganos, consulta a Comunidade Cigana Calon de Sousa/PB via telefone, whatsapp, áudios, vídeos (BAUER; GASKELL, 2002) pautado numa metodologia colaborativa de etnografia online, baseada no: “[...] método etnográfico pode contribuir para a construção de narrativas tecnológicas que não excluam os elementos sociais e culturais e que considerem que o conteúdo de uma tecnologia e o contexto de seu surgimento e uso influenciam-se mutuamente” (SPIESS; COSTA, 2009, p. 16). Ter a base científica, é nortear o caminho da pesquisa, contudo, deixar que a autonomia cultural se evidencie e se expresse, é o objetivo primordial.

A fim de sistematizar e organizar uma espécie de cartilha ou agenda de políticas públicas e sociais que sejam pautadas nas vozes dos que constituem a comunidade por meio da ativação da memória coletiva a partir do e para a Comunidade Cigana, tendo por base um princípio metodológico que se adota nesta pesquisa de complementaridade entre saberes científicos e saberes tradicionais.

Dessa maneira, pode se apresentar como se dará o ciclo desta pesquisa, orientando por uma lógica de planejamento aberto e pautada na aceitabilidade dos interlocutores. Os procedimentos de sociologia da tradução serão acompanhados por algumas indagações epistemológicas: 1 – O que traduzir? 2 – Entre quê? 3 – Quem traduz? 4 – Quando traduzir? 5 – Traduzir com que objetivos? Essas perguntas estarão associadas a construção de uma etnografia que será viabilizada pela Antropologia do Arquivo, pois, “o documento não faz sentido em si mesmo, só faz sentido nessa relação com o outro” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2019, p. 100). Dessa forma, configuram-se em questões-

chaves para o exercício de uma antropologia do arquivo “não só a natureza do que os usuários dos arquivos chamam “documento”, mas também os contextos de sua produção e os invólucros institucionais que os protegem, preservam e autorizam” (CUNHA, 2004; 2005, p, 8).

Como instrumentos para a construção da pesquisa tem-se: 1 – Aproximação e abordagem com os agricultores familiares via Comunidade Cigana ou liderança em Sousa/PB, tendo a realização de entrevistas; 2 – pesquisa em bases de arquivos especializados sobre os estudos ciganos, consulta ao Cadastro Único para Programas Sociais e aos Relatórios do Ministério da Saúde e do Ministério de Desenvolvimento Social; 3 – Construção de um diário de pesquisa teórico-metodológico para subsidiar a construção da cartilha ou da agenda de proposição demandas de políticas públicas e sociais; 4 – Consulta virtual ou telefônica aos contatos realizados com os/as ciganos/as Calon em Sousa/PB.

### **Breve história da luta por reconhecimento e direitos da Comunidade Cigana Calon de Sousa/PB**

Os estudos e pesquisas antropológicas no Brasil e na América Latina estão a cada dia entrando na agenda das pesquisas dos antropólogos e antropólogas. Essa dimensão epistemológica é acompanhada por uma dimensão política que pode possibilitar a construção de uma pesquisa antropológica e sociológica que inclui o povo cigano na produção de saberes e de ativismos políticos. Como parte desta problematização, situamos algumas categorias sócio históricas que perpassam essa pesquisa: identidade e etnicidade cigana, reivindicações por reconhecimento e redistribuição e políticas públicas sociais. Essas categorias permearão a fundamentação teórica a partir do problema de pesquisa: onde a ideia é compreender a invisibilidade das reivindicações por reconhecimento étnico, por acesso a direitos sociais pela Comunidade Cigana Calon de Sousa/PB. Partindo dessa ideia de invisibilidade que toca diretamente na questão de seu reconhecimento étnico, como um povo tradicional protegido pela Constituição de 1988, pois,

A partir daí, passamos a nos defrontar com um interesse e uma crescente produção de pesquisas e etnografias que revelam a diversidade de situações experimentadas pelos ciganos em face da sociedade e Estado brasileiro; diversidade esta que é reconhecida pelos próprios ciganos. Como um dos desdobramentos, e considerando o impacto da promulgação da Constituição

Federal, em 1988, temos um cenário no qual os ciganos, com a presença do Ministério Público, e nas lutas por reconhecimento identitário, são confrontados com os desafios que envolvem uma agenda nova: os já tradicionais povos indígenas passam a ser ‘acompanhados’ pelos quilombolas e demais, identificados enquanto ‘povos tradicionais’. Em certa medida, aos ciganos se colocam grandes desafios, pois se veem e são vistos a partir de questões e critérios múltiplos (GOLDFARB, BATISTA, 2018, p. 18).

A constituição de uma etnografia política da Comunidade Cigana Calon repercute no questionamento de quem são, o que são, como se formaram, e como mantêm as suas tradições de serem nômades e sedentários, e como isso se conjuga na construção de uma identidade, ou de uma etnicidade construída no território físico e simbólico.

Os ciganos, tomados aqui enquanto grupos étnicos encontram-se presente em boa parte do mundo, e revelam-se como um objeto de pequeno interesse acadêmico. A maior concentração de população cigana está na Europa e são registrados na África, Egito e América (MOONEN, 1996). Com relação ao Brasil, temos uma expressiva concentração e, no caso da região Nordeste do Brasil, consideramos que é um universo que se está parcialmente quantificado, embora ainda apresentem um desafio à pesquisa, pois ainda são vistos enquanto exemplos de populações exóticas e que são pouco relacionados aos processos contemporâneos de emergência de grupos étnicos, distintos e demandantes de direitos (SULPINO, 1999; MOONEN, 1996) (BATISTA, 2018, p. 4).

O povo cigano possui uma identidade marcada pela presença política e cultura, que envolve a questão histórica que rodeia o modo de vida de várias comunidades e não seria diferente com a Comunidade Cigana Calon do município de Sousa/PB. Que detém uma história, construída a partir da vivência dos atores que se inseriram nela. Essa etnicidade cigana, marcada historicamente como nômade e na especificidade da Comunidade Calon, por uma sedentarização de aproximadamente 40 anos, expressa uma ambiguidade no modo de ser cigano, e que por vezes esse nomadismo foi naturalizado, despolitizado, opondo-se a sedentarização, que obrigaria o Estado e o poder local a dar atenção socioassistencial e de saúde, mas a comunidade cigana, mantém o nomadismo e a fixação como uma das possibilidades de seu modo de ser cigano, e isso requer lutar por reconhecimento, por direitos, pois,

Como uma consequência desse processo de fixação na cidade, na qual a chegada de um grupo foi antecedido pela de outro, eles permaneceram mantendo uma divisão espacial, ou seja, existem dois grupos conhecidos e reconhecidos inclusive pelos moradores da cidade: Rancho de Baixo e Rancho de Cima. Buscando descrever os dois locais, inicialmente podemos dizer que são cenários muito divergentes. O Rancho de Cima apresenta uma “melhor” infraestrutura, casas de pau a pique, por exemplo, praticamente não são vistas, inversamente a maioria apresenta uma boa estrutura, muradas em tijolos e bem

acabadas. O cigano Coronel nos informou que existem mais de 300 ciganos vivendo no local e todos sob a liderança de um 'presidente' identificado como o cigano Nestor. Já no Rancho de Baixo é possível perceber famílias vivendo em condições materiais de deficitárias, com esgoto passando entre as portas das habitações e a maioria das casas se apresentando em mau estado de construção e conservação (BATISTA E MEDEIROS, 2015, p. 220).

Pensar em políticas públicas para uma comunidade tradicional, necessita entender não só as características sociais, culturais, políticas, étnicas, etc., mas também, entender a construção territorial na qual o povo se encontra, de forma a detectar as fragilidades no espaço em questão, os riscos e vulnerabilidades que ameaçam aqueles(as) que residem no território, como também as potencialidades que aquele local apresenta.

Como uma questão de vulnerabilidade recorrente e que se adentra nas estruturas organizacionais destes espaços ocupados por populações tradicionais como os(as) ciganos(as), podemos observar o eixo do racismo ambiental como um dos fatores preocupantes e impactantes negativamente, pois, tende a se intensificar devido sua ligação intrínseca ao capital. Mesmo movimentando as lutas em prol da superação das fragilidades deste povo, entende-se a questão estrutural e que está enraizada na sociedade. O racismo ambiental se configura de várias formas e com diferentes prejuízos às suas vítimas, que suportam de algum modo, um impacto ambiental negativo muito maior que as outras pessoas (ABREU, 2013, p. 92).

Sabe-se que as implicações que o racismo ambiental causa, provocam rebatimentos com muito mais intensidade nas populações tradicionais, pois, além de se adentrar nos eixos ambientais e provocar degradações ao território de forma bastante demasiada, resultando em vulnerabilidades ecológicas, de saúde, de educação etc. O fator racial e de classe também está integrado a este processo, e que desta forma conjunta pode-se perceber que estas questões se interligam e favorecem a acentuação da problemática do racismo ambiental e afastam cada vez mais a superação deste quesito.

Ainda há a prevalência de um certo exotismo sobre os ciganos e atrelado a isso um preconceito sobre o seu modo de viver, para isso cabe romper com essas estereotípias (GOLDFARB; BATISTA, 2018) e perceber o povo cigano em sua condição de sujeitos de direitos e que estão num território que demanda a atenção do Estado, do Poder Público. Essa visão quando observamos o povo cigano, percebemos uma heterogeneidade no modo de ser desse povo, pois o reconhecimento do ser enquanto cigano parte do sujeito e de sua comunidade, que ao longo do tempo, da história, e mediados pelo território que

habitam, sofrem as transformações do contexto, mas isso não impede a formação de uma identidade cigana. Parece que uma visão estacionária de fixar o cigano no nomadismo, repercute diretamente no reconhecimento da comunidade cigana na demanda por acesso a direitos e a políticas públicas sociais. De todo modo, o cigano/a, sendo nômade e sedentário, não deixa de ser ciganos/as e por isso vão à luta.

Neste sentido, ser cigano, por exemplo, corresponderia a dispor de certos costumes e modos de viver específicos. A Identidade cigana seria conferida a grupos e indivíduos portadores de determinadas características culturais comuns e essenciais em seus modos de se vestir, comer, morar, em suas sociabilidades como um todo. O problema é que na ausência de determinados traços considerados marcadores essenciais de sua cultura, a ciganidade – isto é, a condição cigana - é colocada em questão. [...] fomos levados a perceber como os ciganos que aí vivem estão projetando um passado e indicando possibilidades para um futuro, no qual a presença de bens e serviços oriundos do Estado brasileiro é colocada como significativos. Finalmente, acreditamos que ao construir o percurso de discussão do texto, vamos demonstrar que a ‘modernização’ dos ciganos – e a chamada sedentarização seria um dos índices - não conduz ao desaparecimento de modos próprios de existência (BATISTA; CUNHA, 2013, p. 1).

A partir das reivindicações por reconhecimento e redistribuição como uma condição pertinente para o acesso às demandas por políticas públicas sociais como um direito de Estado. Pode-se complementar que esse reconhecimento não tem como base uma identidade que ora inferioriza os sujeitos e os exotiza, ou ora os torna superiores, porém, esse reconhecimento tem por base,

[...] uma questão de status social. Dessa perspectiva – que eu chamarei de modelo de status – o que exige reconhecimento não é a identidade específica de um grupo, mas a condição dos membros do grupo como parceiros integrais na interação social. O não reconhecimento, conseqüentemente, não significa depreciação e deformação da identidade de grupo. Ao contrário, ele significa a subordinação social no sentido de ser privado de participar como um igual na vida social. Reparar a injustiça certamente requer uma política de reconhecimento, mas isso não significa mais uma política de identidade. No modelo de status, ao contrário, isso significa a uma política que visa a superar a subordinação, fazendo do sujeito falsamente reconhecido um membro integral da sociedade, capaz de participar com os outros membros como iguais (FRASER, 2007.p. 107-108).

Dessa forma, a pesquisa possui como intuito aprofundar o conhecimento sobre os aspectos presentes na Comunidade Cigana Calon de Sousa/PB como um meio de se combater o preconceito cada vez mais presente na vida deste povo, o racismo institucional e a carência de ações e medidas assistenciais e necessárias por parte das instâncias

governamentais tanto estaduais quanto locais, bem como possibilitar que os ciganos/as sejam contemplados como um grupo de grande significado histórico, dando visibilidade a atuação, a cultura e os direitos, como também suas lutas e reivindicações.

### **Os conflitos socioambientais do ponto de vista da Comunidade Cigana Calon de Sousa/PB**

No Brasil, é evidente a existência de vários povos ciganos de diferentes etnias espalhados em diversos espaços territoriais desta nação, além do mais, na região Nordeste do país há uma grande concentração desses povos; o sertão paraibano, sobretudo, abriga um número elevado dessa população, cuja realidade socioambiental é o nosso interesse de pesquisa.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, pudemos entender melhor a distribuição dos ciganos na espacialidade do município de Sousa/PB e, o que antes acreditávamos ser uma comunidade, podemos entender que trata-se na verdade de quatro comunidades da etnia Calon localizadas no município. Como enfatiza o Calin entrevistado,

A nossa comunidade cigana hoje, aqui em Sousa, ela é a maior da América Latina, comunidade sedentária. Nós temos uma unidade de saúde que é o postinho como nós chamamos é... atende as quatro comunidades, atende também o pessoal da várzea e do piolho.

Abordaremos então, a partir dos apontamentos da entrevista e com a mediação de diversos autores, os aspectos da cultura e do modo de vida cigano da Comunidade Cigana Calon de Sousa/PB, como também as suas principais reivindicações, conhecendo um pouco mais, apoiando as lutas desse povo e buscando compreender como a comunidade acessa os direitos básicos de vida, tais como: saúde, educação, assistência, direito a questão do acesso à água potável, à moradia, ao saneamento básico, etc.

Ainda que essa comunidade cigana seja constituída por uma quantidade ampla de sujeitos, a mesma sofre intensa invisibilidade na esfera social brasileira, tendo que enfrentar inúmeras questões que dizem respeito à falta de oportunidades e acesso aos direitos no âmbito político e social, como por exemplo, a carência de acesso à educação, saúde, moradia, saneamento básico, atuação nas ações e decisões políticas, além de serem

alvos de constantes injustiças, rejeições e preconceitos. Isso se expressa desde o momento inicial do diálogo com o entrevistado, quando o cigano calon entrevistado fala sobre as dificuldades enfrentadas constantemente pelos moradores da comunidade, ressaltando de início as dificuldades no setor da saúde:

[...] As dificuldades é, assim, o atendimento é diário, mas as dificuldades são grandes pelo número de pessoas que são atendidas. Só na nossa comunidade cigana nós temos mais de 3 mil pessoas, é, contando com os vizinhos, só passa de 5 mil facinho, 5 mil pessoas. E, o atendimento se não me engano são 10 pessoas diárias no postinho, então, a dificuldade é grande, se a gente não, não utilizar o atendimento da UPA que fica na cidade ou então o atendimento particular, as coisas vão piorar bastante, sabendo que o nosso povo é... o nosso povo cigano a condição financeira é muito pouca, se for para a área particular aí piora muito porque vai ter que tirar um dinheiro, digamos assim, para comprar um feijão, um arroz, para tentar uma consulta, então as coisas dificultam bastante. [...] O nosso postinho, como eu já falei, atende, o atendimento é... diário é são poucas pessoas, né para uma área tão grande, então eu, eu encontro dificuldades assim, eu vejo muita dificuldade em nosso povo cigano.

Apesar de já sucedidos quase 40 anos, a comunidade cigana de Sousa/PB ainda enfrenta muitos problemas que deveriam ser garantias básicas para a manutenção da vida de todo cidadão, como as questões correlacionadas à infraestrutura, como também o direito à moradia e acesso aos demais direitos básicos.

ENTREVISTADO – [...] então, a dificuldade é grande, falando de saúde aqui não é fácil não, até porque, você dá pra ver aí, é ocular aí, é visível o problema da infraestrutura aqui, né, da pavimentação, saneamento e o pessoal adocece muito por causa disso, adocece muito porque tem esgoto a céu aberto, tem lixo dentro da comunidade e, as dificuldades são grande, infelizmente a gente já estar aqui a quase 40 anos só nesse setor, e uma coisa que todo e qualquer cidadão tem direito que é uma pavimentação, um saneamento no seu bairro, aqui a gente não tem.

Outro aspecto que exprime as dificuldades enfrentadas pela comunidade é a ausência de infraestrutura do local, apesar dos ciganos da comunidade estarem conseguindo certa assistência na obtenção e construção de novas moradias, mais seguras e de qualidade em relação à estrutura da mesma, como bem pontuou o entrevistado:

[...] Inclusive, é, não só eu como as demais lideranças, nós já fomos a João Pessoa, só esse ano três viagens em busca de recursos; e conseguimos, eu acho que dentro de dois meses, dois meses e meio, o pessoal da CEHAP em parceria com o governo municipal, eles disseram que vão entrar em contato com a gente e vão substituir essas casas de taipas.

No entanto, ainda há significativo número de moradias de estrutura simples e de péssimas condições, que não dispõem de nenhuma segurança para seus moradores, podendo até mesmo desabar a qualquer momento. Tal condição ficou ainda mais evidente quando uma mulher cigana, habitante da comunidade comentou sobre a situação de sua casa e do medo que a mesma sentia de que sua casa caísse sobre ela e sua família enquanto eles dormiam.

ENTREVISTADO – Que hoje são 60. É... casas que a maioria, as paredes são improvisadas com lona, com papelão, próprio pedaço de pano velho, entendeu? E isso causa também muita doença, doença de Chagas, atraem muitos insetos, o pessoal fica só adoecendo de vez em quando, e a gente tá com uma esperança muito grande que, a partir daí, é, comece a melhorar a parte da infraestrutura, porque prometeram reorganizar a rede de esgoto, prometeram também fazer os loteamentos certinhos, abrir as avenidas... E, a gente não vai desistir não, enquanto a gente não ver essas comunidades do jeito que a gente quer. Tá andando sim! A gente observou que de 2017 pra cá tá andando um pouco, passos bem lentinhos, mas tá mudando, né. Temos muita esperança que vai melhorar.



Além dessas dificuldades enfrentadas pelo povo cigano que, por sua vez, já foram pontuadas, soma-se a elas o obstáculo na garantia do direito ao emprego, onde ainda é um grande problema para os cidadãos ciganos. A negação desse direito, bem como a ausência de disponibilização de oportunidades de trabalho para o sujeito cigano, muitas vezes perpassa pela sociedade com uma perspectiva negativa e distorcida, onde é propagado a ideia de que o cigano não possui um trabalho porque o mesmo “não quer”, “não procura”, por exemplo, sendo que a realidade, como bem sabemos não se configura dessa forma. Durante a entrevista, ficou claro que tal condição se caracteriza como um problema de preconceito.

ENTREVISTADOR – Em relação ao emprego de vocês, como é essa questão? Vocês têm dificuldades para acessar emprego aqui na cidade ou não? Ou tem muita gente empregada dentro da comunidade?

ENTREVISTADO – Emprego, infelizmente ainda é um problema. Agora aí a gente, eu posso falar particularmente que o emprego é um problema de preconceito. Eu já assisti de perto muitos ciganos, assim, quando se inaugura tipo uma loja, um mercado, uma empresa... Aí põe lá o currículo, cigano, na maioria das vezes, muitos ciganos já foram contratados e depois que estão trabalhando na primeira, segunda semana quando descobre que é cigano aí é demitido.

Ademais, em meio a todo esse complexo de dificuldades e privações no acesso aos direitos básicos, os ciganos da comunidade têm conseguido obter avanço no acesso a educação, algo de muita importância para a luta, a visibilidade e as reivindicações de direitos deste povo, como também para a formação e o reconhecimento da identidade e cultura dos(as) ciganos(as).

ENTREVISTADOR – Você já falou da questão da saúde, né... Aí a outra pergunta é relacionada à questão da educação. Como é que as pessoas que vivem aqui têm esse acesso? Tanto também a questão das crianças, infantil e fundamental como também a graduação?

---

<sup>2</sup> Moradias de ciganos da Comunidade Calon de Sousa/PB.

Fotografia registrada em 04/07/2022 durante a visita à comunidade.

ENTREVISTADO – Hoje eu posso falar que, diferentemente de alguns anos atrás, na minha época mesmo de criança, hoje o acesso é muito melhor. Inclusive, nós temos aqui em frente, nós temos escola estadual, né, que atende na sua maioria, ciganos e também, um pouco distante daqui, digamos uns 500 metros de distância, o prefeito fez uma escola no município, uma escola muito bonita, toda climatizada...

ENTREVISTADOR – É uma que fica entre a comunidade, né?

ENTREVISTADO – Isso, entre as comunidades. Lá atende do infantil que é do pré 2, como a gente fala, até o 5º ano. Escola muito boa, um espaço físico muito grande, muito bonita. Então, a parte da educação, como eu falei anteriormente, educação é, a gente tá muito bem assistido, por parte do município quanto do Estado também. Na parte da graduação também, nas universidades tem muitos ciganos formados, hoje nós temos muitos. Tem muitos se formando também. Essa parte aí tá, nós estamos muito bem assistidos, na educação nós estamos bem assistidos sim.

## **Considerações Finais**

Identificados os traços de regionalidade, em confluência com a identidade cultural do povo cigano, recorro aos escritos de Albuquerque Júnior (2014) para pensar as possibilidades do ser cigano nos “sertões contemporâneos”. Tendo em vista que Batista (2018) identifica o Nordeste brasileiro com uma “expressiva concentração” dos povos ciganos, e o povo cigano da etnia Calon está presente no expressivamente no Sertão paraibano, trago como inquietação para essa pesquisa, pensar na contribuição do povo cigano para a cultura sertaneja, questionando principalmente a exclusão do povo cigano no campo da narrativa e simbologia que circunscreve o “ser sertanejo”. Pensar nos sertões na contemporaneidade indica pautar o reconhecimento étnico de forma central. Reivindicar as narrativas ciganas, nesse contexto, engloba suas lutas pelo território, pelos direitos humanos e sociais e pela inserção como sujeitos de direitos das políticas públicas, sendo um grupo étnico historicamente marginalizado.

A partir da visita ao campo, pode-se observar múltiplos fatores que envolvem as problemáticas daquele espaço e que rodeiam a vida da população cigana Calon. A falta de saneamento básico, é um dado de grande relevância e que deve ser visualizado com a urgência necessária.

ENTREVISTADOR – E... em relação a essa questão do saneamento, né... que você colocou aí, o saneamento e a própria questão da infraestrutura, né... é, como você bem colocou isso, a falta disso acarreta também adoecimento de vocês, né?

ENTREVISTADO – Com certeza! Porque o lixo, o esgoto a céu aberto, eles trazem muitos problemas de saúde para o ser humano, né?! Aqui tem, a gente encontra muito rato, barata, escorpiões, cobras também e acabam transmitindo doenças para o nosso povo.

Como bem se pode extrair a partir das falas da entrevista, nota-se os grandes fatores de risco que se sobressaem a partir da ausência do saneamento e infraestrutura da comunidade. Muitas doenças podem surgir, comprometendo a qualidade de vida dos(as) sujeitos(as), fazendo do território um lugar isolado do restante da estrutura da cidade, sendo isolado não apenas de forma geográfica, mas socialmente e politicamente, desprovido de acesso às políticas públicas, diferentemente do restante da população.

ENTREVISTADOR – É... A prefeitura disponibiliza carro de coleta de lixo para cá?

ENTREVISTADO – Passa um, uma vez por semana, passa, mas o atendimento não é muito bom. O pessoal parece que, não querendo falar mal de ninguém até porque eu tenho muita aproximação com o prefeito, pessoalmente falando, mas eles passam; eles vão pegando o lixo, espalha sabe?! Não tem, eu não vejo assim, o profissionalismo do pessoal. Passa muito rápido, a maioria das vezes eles não entram na comunidade, passam só aqui na frente, aí tem que o pessoal trazer de lá do final pra cá, aí fica muito difícil.

ENTREVISTADOR – Complicado.

ENTREVISTADOR – Será que isso ainda é um certo é... como posso dizer, será que é um certo receio que as vezes a pessoa que não é cigana tem medo de chegar na comunidade? Preconceito ainda... Será que isso tá relacionado, essa questão de tipo, não entrar na comunidade, ficar só aqui?

ENTREVISTADO – Eu vou dizer o seguinte professor, eu acho que é falta de boa vontade mesmo deles, eu não vou falar em preconceito não.

Nota-se um complexo que envolve a relação da comunidade, com aqueles que não fazem parte dela. Nota-se na fala, a falta de ética e comprometimento profissional de alguns servidores municipais na coleta de lixo. Isso pode ser por falta de vontade, como demonstra a fala da entrevista em questão, porém, tudo isso está interligado com a histórica estigmatização que rodeia o povo cigano e que reflete em muitas ações, se enraizando até a atualidade. Com isso, entende-se que essas fragilidades implicam na má prestação de serviços essenciais, como o de saneamento básico e compromete em muitos quesitos o desenvolvimento da comunidade.

Essa realidade ficou cada vez mais evidente aos nossos olhares a partir do momento em que entramos na comunidade. Ao chegar ao espaço, foi-se então exposto um cenário cujas condições de saneamento básico e limpeza eram escassas, logo avistamos a presença de muito lixo nos arredores do local e próximo às casas, esgoto a céu aberto, deixando explícito que a comunidade não usufruí por completo do benefício da coleta de lixo.



Nota-se ainda, que a comunidade obteve conquistas com o passar dos anos, evidenciando a luta e a mobilização do povo cigano no alto sertão paraibano, conseguindo espaço político, encontrando melhorias para o espaço. Contudo, pode-se observar com o contato ao campo e a partir da entrevista realizada, pode-se inferir que muitas melhorias ainda precisam ser pensadas e trazidas para o referido local.

## REFERÊNCIAS

- ACSERALD, Henri. **Conflitos Ambientais no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004. BARTH, F. **Grupos Étnicos e suas Fronteiras**. In: POUTGNAT, P & FENARTSTREIFF, J. Teorias da Etnicidade. São Paulo: Difel, 1998.
- BATISTA, M e MEDEIROS, J. **Nomadismo e Diáspora**: sugestões para se estudar os ciganos. Revista Antropológicas, [S.l.], v. 26, n. 1 (2015).
- BATISTA, Mércia Rangel; CUNHA, Jamilly. **Os ciganos em Sousa-PB**: Refletindo os modos de ser cigano a partir do atual cenário político brasileiro. Revista Interface de Saberes. V. 1. N. 13. 2013.
- BATISTA, Mércia Rejane Rangel; BENTO, Marciana Ferreira. **Os ciganos Calons na região nordeste: um estudo sobre as demandas por acesso aos direitos**. Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.
- BATISTA, M. R. R; GOLDFARB, M. P. L. **Entre idas e vindas, como interpretar o fluxo cigano?** Discutindo as compreensões sobre a diáspora e o nomadismo. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 29., 2014, Natal, RN. Anais eletrônicos... Natal, 2014. Disponível em: . Acesso em: out. 2018.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Gauareshi. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- BRASIL. **Subsídios para o Cuidado à Saúde do Povo Cigano**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.
- BRASIL. **Política Nacional de Assistência Social/2004**. Brasília: MDS/SNAS, 2005.
- FRASER, Nancy. **Reconhecimento sem ética?**. Lua Nova, São Paulo, 70: 101-138, 2007.
- FERRARI, Florencia. **O mundo passa: uma etnografia dos Calon e suas relações com os brasileiros**. 2010. 380 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Departamento de Antropologia Social, Universidade de São Paulo. 2010.

---

<sup>3</sup> Fotografia registrada em 04/07/2022 durante a visita à Comunidade Cigana Calon de Sousa/PB.

GOLDFARB, M<sup>a</sup> Patrícia L. **Memória e etnicidade entre os ciganos Calon em Sousa-PB**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

GOLDFARB, M. P. **O Tempo de Atrás**: um estudo da construção da identidade cigana em Sousa-PB. Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Tese de Doutorado. João Pessoa, agosto de 2004.

GOLDFARB, M. P. **Os Ciganos**. Galante. Fundação Helio Galvão, nº 02, Vol. 03, Natal, Setembro de 2003.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; BATISTA, Mércia Rejane Rangel. **DOSSIÊ CIGANOS NO BRASIL**: um exercício de comparação etnográfica. *Áltera – Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 2, n. 7, p. 8-15, jul. / dez. 2018.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **Nômades e peregrinos: o passado como elemento identitário entre os ciganos Calons na cidade de Sousa/PB**. *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 19, p. 1-384, 2010.

GOLDFARB, M. P. L. **Ciganos Calon**: a vida em movimento. In: JUBILIT, Liliana Lyra; REI, Fernando Cardozo Fernandes; GARCEZ, Gabriela Soldano (Eds.). (Org.). *Direitos Humanos e Meio Ambiente: Minorias Ambientais*. 1 ed. São Paulo: Manole, 2017, v. 1, p. 261-278. (Coleção Ambiental).

GOLDFARB, M. P. L. **Memória e Etnicidade entre os Ciganos Calon em Sousa-PB**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2013. (Coleção Humanidades).

LITTLE, Paul. **ECOLOGIA POLÍTICA COMO ETNOGRAFIA: UM GUIA TEÓRICO E METODOLÓGICO**. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 12, n. 25, p. 85-103, jan./jun. 2006.

MEDEIROS, L. A; GOLDFARB, M. P. L. **O Prêmio Culturas Ciganas na perspectiva do seu público alvo**. Relatório Final do PIBIC vigência 2016-2017, João Pessoa: 2017.

MEDEIROS, Luana Antonio; SOARES, Maria de Lourdes. **SUS E POVOS CIGANOS: Desafios na construção de uma política brasileira para equidade**. *Áltera – Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 2, n. 7, p. 270-283, jul. / dez. 2018

MELLO, M. A. S.; VEIGA, F. B. COUTO, P. B.; SOUZA, M. A. **Os Ciganos do Catumbi: de “andadores do Rei” e comerciantes de escravos a oficiais de justiça na cidade do Rio de Janeiro**. In: *Cidades, Comunidades e Territórios*, n. 18. Lisboa: CET-ISCTE, Jun/2009, p. 79-92.

MELO MORAIS F<sup>o</sup>., Alexandre de. **Cancioneiro Cigano**. São Paulo: Cadernos do Mundo Inteiro, 2018 [1885]. \_\_\_\_\_. *Fatos e Memórias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1905.

MOONEN, Frans. **Ciganos Calon no Sertão da Paraíba**, João Pessoa: PR/PB, 1993.

MOONEN, Frans. **A História Esquecida dos Ciganos no Brasil**. *Saeculum Revista de História*, nº 02, João Pessoa, jul/dez, 1996.

MOONEN, Frans. **Ciganos Calon no Sertão da Paraíba**. João Pessoa, MCS/UFPB, *Cadernos de Ciências Sociais*, nº. 32, 1994.

**Ministério da Saúde. Subsídios para o Cuidado à Saúde do Povo Cigano.** Brasília: Ministério da Saúde, 2016. 44p.

**Ministério do Desenvolvimento Social / Secretaria Nacional de Assistência Social.** Memória da Oficina SUAS e o Atendimento aos Povos Ciganos. Realizada em Brasília em junho de 2017.

PORTO, Marcelo Firpo Porto; PACHECO, Tania. **Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil: o mapa de conflitos.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013.

SIQUEIRA, Robson de Araújo. **Os Calons do Município de Sousa/PB: dinâmicas ciganas e transformações culturais.** Recife/PE: UFPE, 2012. Dissertação de Mestrado em Antropologia. SOUSA SANTOS, Boaventura. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política.** 3 ed. V. 4. São Paulo: Cortez, 2010.

SPIESS, Maiko Rafael; COSTA, Maria da. **O Estudo Etnográfico das Tecnologias de Informação e Comunicação.** Anais do 33º Encontro Anual da Anpocs, de 26 a 30 de outubro de 2009, em Caxambu/MG. ISSN 2177-3092.

SULPINO, Maria Patrícia Lopes. **Ser viajor, ser morador: Uma análise da construção da identidade cigana em Sousa – PB.** Dissertação de Mestrado pelo Programa de PósGraduação em Antropologia Social (UFRGS), 1999.